

“TERRA, GRAMA E PARALELEPÍPEDOS: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 a 1930)” – Uma síntese do livro

Claunísio Amorim Carvalho

Bacharel em História pela
Universidade Federal do Maranhão (2008).
claunisio@hotmail.com

Este texto sintetiza o livro *“Terra, grama e paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906-1930)”* (publicado pela Café & Lápis Editora, São Luís, 2009 – ISBN 85-62485-00-8), de minha autoria, que, por sua vez, se originou da monografia de graduação em História Bacharelado, da Universidade Federal do Maranhão, defendida no dia 04 de dezembro de 2008, sob a orientação do Prof. Marcelo de Sousa Araújo, à época, professor substituto do Departamento de História daquela Universidade. O trabalho foi aprovado com nota máxima e indicado à publicação, pela respectiva banca, composta pelos examinadores: Prof. Dr. Baltazar Macaíba de Souza, do Departamento de Ciências Sociais (UFMA), e Prof.^a Ms. Régia Agostinho da Silva, também do Departamento de História (UFMA).

A pesquisa foi realizada individualmente, entre setembro de 2007 e novembro de 2008, na Biblioteca Pública Benedito Leite e no Arquivo Público do Estado do Maranhão, em São Luís – MA, utilizando, como, fontes principais de análise, jornais impressos de época, como: *Pacotilha* (1908-1930), *O Jornal* (1915, 1919, 1923), *O Estado* (1915, 1916), *O Maranhão* (1907-1909), *Folha do Povo* (1927, 1928), *O Imparcial* (1929, 1930), *A Fita* (1917-1921), *A Hora* (1928), *O Esporte* (1947-1951), *Jornal Pequeno* (1957), este último por uma seção denominada “Pequena história do futebol maranhense”, publicada em capítulos diários, de autoria do cronista Nonato Massom.

O estudo teve bom aparato teórico, contando com o apoio, entre tantos, de dois autores maranhenses: o jornalista Dejard Martins (1989) e professor de educação física, pesquisador e membro do IHGM, Lepoldo Vaz (2007); além do grande suporte de historiadores, cronistas, antropólogos e sociólogos, como: Mário Rodrigues Filho (2003), Hilário Franco Júnior (2007), Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), José Moraes dos Santos Neto (2002), Antônio Jorge Soares (2007), Pierre Bourdieu (1983), Norbert Elias (1994), Roberto DaMatta (1986, 1994), dentre muitos outros.

Experiências externas, a partir de estudos comparativos com a realidade de outras cidades (como Fortaleza, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo), pela análise de artigos, capítulos de livros de história e de dissertações de mestrado, ainda que não servindo para explicar a situação peculiar do caso futebolístico ludovicense, ajudaram a trazer luz sobre eventuais possibilidades de interpretação histórica e sociológica, como foi no caso das interdições sociais sobre o “espúrio” jogo praticado nas ruas e praças da cidade, de que falarei mais abaixo, que apresentou dados semelhantes entre São Luís e aquelas capitais.

O livro foi dividido em três capítulos basilares, que, não seguem, necessariamente, um estrito modelo cronológico:

a) **O elitismo primordial** (CARVALHO, 2009, pp. 23-72), no qual abordo, desde a implantação do esporte até seu desenvolvimento pela década de 1910, com a fase marcadamente elitista, promovido e assistido pelas “boas famílias” (como se chamava a elite local) da cidade. Esta fase tem como principal característica o espírito cordial e cavalheiresco que devia ser inerente ao *foot-ball* e aos *foot-ballers*, e como principal referência o FAC, clube de elite, que mantinha vários times internos (*Black, Red, White, Kaki*, etc.) e até uma competição interna (*Intersócios*);

b) **A popularização** (CARVALHO, 2009, pp. 73-142), onde descrevo a transformação do *foot-ball*, de esporte fechado e aristocrático, em *futebol*, esporte de massa, inclusive praticado arbitrariamente em ruas e praças da cidade por crianças e adolescentes da periferia, com a fantástica explosão de clubes, citados às pampas na imprensa local, abrindo espaço para falar da grande contribuição das igrejas católicas e das fábricas nesse desenvolvimento;

c) **Em busca de organização** (CARVALHO, 2009, pp.143-217), em que trato das ligas, campeonatos, relações de poder, jogos interestaduais, dentre outros, noticiando jogos, competições, rivalidades, excursões, recepções a clubes de outros estados, brigas de bastidores, e outros fatos mais.

Por fim, juntei vários anexos, basicamente compridas matérias jornalísticas abordando temas que iam de higiene corporal a discussões polêmicas entre dirigentes, às vezes, em tom de baixaria, contrariando um suposto espírito de cavalheirismo e de boa educação que deveria permear o ser do futebolista (sobretudo no período aqui denominado de

“elitista”). Reuni, ainda, mais de sessenta fotografias de logradouros públicos, escudos, jogadores e partidas.

Ao longo do estudo, que preencheu uma enorme lacuna no conhecimento do futebol praticado naquela época, sobretudo na década de 1920, foi possível identificar alguns aspectos notáveis em relação ao futebol maranhense no período de 1906 a 1930. Dentre eles, destaca-se a “versão oficial” do pioneirismo de Nhozinho Santos (homenageado com seu nome dado ao Estádio Nhozinho Santos, na Vila Passos, inaugurado em 1950), que ainda se sustenta. Para se entender a importância de Nhozinho Santos na implantação desse esporte em São Luís, é necessário primeiramente conhecer um pouco do contexto sociocultural da cidade, que permitiu a boa e rápida aceitação da prática esportiva trazida diretamente da Inglaterra, berço do futebol moderno.

A cidade de São Luís, no início do século XX, vivia o sonho ideológico da modernização-civilização, notabilizado pela criação de diversas entidades de cunho cultural, entre as quais a Academia Maranhense de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Maranhense, a Escola de Música, as Faculdades de Direito e de Farmácia e Odontologia, etc., além do surgimento de grêmios literários, sociais e esportivos, atraindo a elite para suas atividades. Entenda-se por elite as famílias de comerciantes, políticos, autoridades civis e militares, intelectuais, banqueiros, etc., camada social que gozava de melhores condições socioeconômicas que a maioria da população local. Os projetos urbanísticos e algumas formas de políticas públicas (ordenamento de vias públicas, campanhas de vacinação, legislações sanitárias postas em prática, etc.) foram, aos poucos, dando ares de cidade “civilizada”, principalmente na sua parte central (urbana), como a elite almejava, lembrando, ainda, a fama que se cantava da cidade, acerca do seu passado supostamente glorioso, especialmente em termos de literatura (ideologia da “Atenas Brasileira”, alvo de vários estudiosos da matéria).

Nesse contexto é que Joaquim Moreira Alves dos Santos, conhecido na cidade como Nhozinho Santos, retorna, no final de 1905, de Liverpool (Inglaterra), onde estudara técnicas industriais têxteis, para assumir os negócios do recém-falecido pai, Crispim Alves dos Santos, de quem herdou o grande complexo industrial têxtil Companhia Fabril Maranhense. Nhozinho Santos, que teve contato e até praticou o *foot-ball* na Inglaterra, trouxe, então, para São Luís, a novidade do esporte bretão, com equipamentos próprios (bolas, chuteiras, apito, uniformes, etc.) e suas regras. Em São Luís, foi pioneiro na divulgação do

0079 - Claunísio Amorim Carvalho

esporte, com a ajuda de ingleses que trabalhavam na cidade, sobretudo em companhias telefônicas, e que já conheciam o jogo.

Em relação ao primeiro ano da referida prática esportiva (1906), tem-se que foi mais de elaboração do que propriamente de disputas, mas, a partir de 1907, há um quadro desportivo que passou crescer diariamente, pela iniciativa de homens da elite, que tanto promoviam como participavam dos jogos, jogando ou apitando.

O primeiro clube esportivo maranhense, fundado sob a liderança de Nhozinho Santos, foi o Fabril Athletic Club, ou, simplesmente, FAC, conhecido também como “Grêmio Milionário”, inaugurado em 1907. Ali, a elite maranhense pôde ter contato com variados tipos de esportes (boliche, cricket, croquet, tênis, etc.), além das atividades sociais e culturais (saraus, matinês, bailes dançantes, comemorações cívicas e outros). Outros clubes, que tinham times de futebol, também surgiram ainda naquela primeira década do século, como o Maranhense Foot-Club e o Derby Club.

Apesar dos desencontros e da crise financeira que motivaram o desaparecimento do primeiro FAC, nos anos 1911-1915, o futebol não se deixou esquecer, tendo surgido muitos clubes desde 1908, e ainda por volta de 1916-1918, o elitismo foi a sua característica primordial, isto é, o jogo marcado por membros da elite local. As famílias de damas e cavalheiros enchiam as praças esportivas, assentando-se em lugares demarcados, para verem espetáculos de futebol, de categoria similar à do cinema e do teatro. Esses clubes tinham patrimônios consideráveis e viviam sob sólidas regras estatutárias e convenções comportamentais que marcariam fundamentalmente o espírito cavalheiresco e cordial do elegante esporte bretão. Mesmo em caso de derrota, nas partidas, o ideal era ser o mais cavalheiro e bem-educado possível, às vezes, até oferecendo mimos e homenagens. Nas arquibancadas, gritos mais exaltados ou eventuais palavrões eram drasticamente reprimidos, no local e até nos jornais impressos.

Era comum a presença do governador, prefeito, bispo, autoridades militares e outras, nos espetáculos de futebol. A cada anúncio de jogo seguia-se a notícia de estádios lotados e de muita festa. Os nomes dos atletas seguiam o padrão anglo-saxão, em que o sobrenome predominava sobre as iniciais dos prenomes (J. Mário, O. Anequim, M. A. Santos, etc.). Além disso, todos os nomes do universo futebolístico eram chamados em inglês: *football*, *field*, *referee*, *lines-man*, *goal-keeper*, *full-back*, *center-half*, *forward*, *córner*, *player*,

0079 - Claunísio Amorim Carvalho

score, etc. O objetivo era criar uma atmosfera londrina, na qual os praticantes e assistentes pudessem se sentir e se projetar para uma superior “civilização” (ver Elias, 1994), no caso, a Inglaterra, potência mundial da época e mãe do moderno futebol.

Outro fato pertinente, na análise da matéria, é ver os discursos médicos e higienistas sobre o futebol, para condená-lo (como esporte violento e insalubre, principalmente nos primeiros anos, quando se tinha pouco conhecimento do esporte e até o confundiam com o *futebol americano*) ou para glorificá-lo (como fator de integração nacional e desenvolvimento do corpo e do espírito). Afirmava-se em todos os cantos que aquela era a maior diversão que havia no Maranhão.

Voltando a falar do FAC, que entrara em colapso financeiro junto com a empresa de Nhozinho Santos, este clube ressurgiu em 1916, como Football Athletic Club, para manter a sigla e consagrar definitivamente seu nome naquela história (há indícios de que existiu até início da década de 1940, mas sem grande expressão). Clubes como o Sport Club Luso Brasileiro – fundado no mesmo ano de 1916 por um comerciante português (o clube adotou as cores e o uniforme do FC Porto, de Portugal), que se tornou o maior clube maranhense na década de 1920 e o grande rival do FAC, entre outros tantos, são fruto do crescimento clubístico entre a própria elite.

“Por outro lado, esse universo de finezas e de demarcações se deixou penetrar, em vários momentos, por grupos e ações não propriamente elitistas, que ajudaram a aproximar o futebol do território mais popular” (CARVALHO, 2009, p.219). A Escola de Aprendizes Marinheiros é um grande exemplo de como algumas pessoas, que não pertenciam ao cenário elitista local, pois seus alunos eram, na maioria, garotos da periferia, souberam permear o terreno burguês do FAC, com exhibições merecedoras de aplausos da plateia grã-fina, além de outras situações que mostram que o conceito de elitismo tem de ser relativizado na ideia do jogo.

O Onze Maranhense, um clube mediano, fundado por Gentil Silva, e que existiu apenas em 1916 e 1917, fez o caminho inverso ao do FAC. Conquanto atraísse a elite para seus jogos, resolveu abolir as cercas e permitir que o povo tivesse acesso para ver os jogos gratuitamente em seu campo, ou seja, sem pagar entrada. Qualquer pessoa em trânsito por aquele local (campo do Baluarte, onde hoje está a Av. Beira Mar) podia ver os jogos. Não dá para mensurar os efeitos dessa aproximação, nem a quantidades de praticantes e clubes que se

formaram pela influência da gratuidade do futebol praticado no Baluarte, mas é certo que essa atitude demonstrou que o futebol começava a se popularizar.

Desta e de outras fontes, o jogo de futebol atingiu um sem-número de homens, especialmente de meninos, que descobriram naquele “inocente” jogo de bolas, mais que uma forma de diversão, talvez de realização e satisfação plenas. Se havia meninos de boas condições socioeconômicas que podiam jogar folgadoamente nos quadros infantis de clubes grandes ou médios, outros meninos de mesma faixa etária não tinham o mesmo privilégio, praticando um jogo malvisto pela sociedade que se pretendia, acima de tudo, “civilizada” e que, muitas vezes, arranjou um meio de enviar a polícia aos locais onde esses meninos, pobres na sua maioria, batiam suas “peladas”, principalmente em ruas e praças da cidade, transformando-as em campos de futebol.

O jornal *Pacotilha*, em sua famosa seção “As reclamações do povo”, entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, trouxe muitíssimas reclamações populares contra o abusado jogo praticado nas ruas e praças da cidade. Falava-se em barulho, violência, palavrões, etc., e cabia aos seus praticantes sempre a pecha de “vagabundos”, “desocupados”, e outros rótulos dessa natureza. Do meio desses “peladeiros” surgiram diversos atletas que figuraram nos grandes esquadrões das décadas de 20 e 30. E o que mais impressiona é que esse fenômeno impulsionou a criação de muitíssimos clubes, entre os quais, cerca de cento e cinquenta são citados na pesquisa, no curto espaço de vinte e cinco anos, revelando que a popularização do futebol era irreversível.

Outro fato relevante é verificar que os apelidos, que começaram a suplantar a forma aburguesada de nominar os atletas, passaram a fazer parte definitivamente do cenário do futebol local, chegando, às vezes, a ser exagerados, como em muitas ocasiões também citadas no livro (CARVALHO, 2009, pp.118-120).

“A população elitista atendia ambigualmente ao jogo, pois aprovava o jogo fino dos clubes, legitimado pela disciplina e pela noção de dever, e ao mesmo tempo condenava o jogo fora dos padrões geográficos e sociais” (CARVALHO, 2009, p.220). O futebol da rua, que chamo de “*futebol ilegítimo*” (antônimo do “futebol legítimo”, da elite e dos clubes regulares), teve o seu papel como elemento difusor, somado à grande contribuição de segmentos da Igreja Católica, em cujos adros se praticavam peladas, além de times feitos em escolas de catecismo e até em seminários, como era do caso do Seminário Santo Antônio, que

chegou a ter dois times internos. Isto sem falar das fábricas locais, onde operários derramavam suor junto às máquinas, mas lá fora se divertiam com a bola no pé, em clubes de periferia. Clubes inteiros saíram de dentro de fábricas em São Luís.

O futebol “sossegado” não era privilégio apenas das famílias ricas, pois não se pode falar nesse sentido, mas, sim, no da regularidade dos clubes. Qualquer garoto, independentemente da sua condição socioeconômica, podia jogar sem ser perseguido por ninguém (famílias da elite, polícia), desde que estivesse ligado ao quadro de algum clube regular (com sede, patrimônio, estatuto, normas), mesmo que fosse pequeno.

É certo que havia muitos clubes de periferia e poucos campos para jogar, mas estar fora dos clubes ou em clubes que nem sequer tinham uniforme para jogar era a mesma coisa que jogar “na rua”. Recolhemos, na pesquisa, inúmeras passagens de jogos improvisados (“peladas”) em campos improvisados, com traves e bolas improvisadas, e também memórias de ex-atletas, extraídas da série “Recordar é viver”, do Jornal O Esporte (1947-1951), cuja maioria dos entrevistados, sempre lembrando seus tempos de moleque, falava dos problemas com a polícia, a qual os colocava para correr e apreendia as bolas, que eram feitas de diversos tipos de materiais, incluindo meias, panos, bexiga de boi, talos de mamão, chupas de laranja, limões, etc.

Abro um parêntese para falar do Sampaio Correa Futebol Clube, fundado em 1923, por ser o único clube, dos mais de cem daquele período, citados no livro, que sobreviveu (CARVALHO, 2009, pp.112-118). Utilizo o Sampaio, que era time da periferia do Centro da cidade (largo de São Pantaleão), como exemplo de que o nome escolhido poderia ser estratégia para chamar a atenção. Nesse caso, os fundadores do clube resolveram colocar no time o nome de um famoso hidroavião que fez escala em São Luís, em dezembro de 1922, o “Sampaio Corrêa II”, pilotado pelo norte-americano Walter Hinton e pelo cearense Euclides Pinto Martins, que participavam do espetacular “Raid das Duas Américas”, isto é, o cruzamento dos continentes americanos, dos Estados Unidos ao Rio de Janeiro.

O legendário avião, que fora doado pelo homônimo senador carioca (José de Mattoso Sampaio Corrêa) fez a fama do tricolor de São Pantaleão, cuja estreia na primeira divisão, em 1925, foi marcada por uma célebre vitória de 1 x 0 sobre o aristocrático e multicampeão Sport Club Luso Brasileiro. O time do Sampaio era composto por pessoas pobres, operários, feirantes, peixeiros, etc., em sua maioria afrodescendentes. Esse feito

mereceu carreata pela cidade, acompanhada de uma multidão enlouquecida da periferia, que se sentia como Davi frente a Golias. A identificação do Sampaio como “time do povo” vem desde essa época.

A popularização do jogo trouxe muitas mudanças no esporte, como a dinâmica das relações entre clubes, com o sempre crescente sentimento de pertença aos esquadões e o fomento de rivalidades e emulações, que não poucas vezes ocasionaram conflitos e violências, dentro e fora dos gramados. No livro em análise, coleciono várias notícias de bate-bocas na imprensa, discussões entre dirigentes, briga de torcedores, incêndio criminoso em arquibancada de estádio, provocações, jogos disputadíssimos, inclusive com desfecho de agressões e fraturas, dentre outras situações, até brigas entre senhoritas por causa de preferência nos bailes dos clubes locais.

À medida que esses sentimentos cresciam, o espírito cavalheiresco, característico da fase amadora do esporte, ia sucumbindo, cedendo lugar ao profissionalismo que adentrava paulatinamente os clubes, por meio de atletas contratados em outros estados, os quais viviam exclusivamente do esporte.

Há, ainda, muitas notícias recolhidas que dão conta de que o futebol em São Luís também teve seus momentos de relevância em sua função humanitária de promover o bem-estar social, para além da mera diversão diante do palco desportivo. Clubes, entidades e jogadores promoveram a solidariedade através de inúmeras partidas beneficentes, ajudando entidades filantrópicas, hospitais, asilos, orfanatos, vítimas de calamidades e pessoas em situação de necessidade material (CARVALHO, 2009, pp.128-131).

O crescente número de clubes e a necessidade de organizá-los, somados à provocação de *sportmen* de outros Estados e à própria cobrança de que o Maranhão ainda não tinha uma liga do gênero, como em outros estados, motivaram a formação de um esquema de burocratização através da criação de ligas esportivas e entidades congêneres, como esperança única de colocar o estado no centro das manifestações nacionais relativas ao futebol. Entretanto, o que se viu foram diversas entidades surgindo e digladiando-se com outras, afora as constantes querelas entre clubes, culminando com os críticos anos do final da década de 1920. Foram criadas várias ligas (Liga Sportiva Maranhense, Liga Maranhense de Sports, União Desportiva Maranhense, Associação Maranhense de Esportes Athleticos, etc.), umas dando lugar a outras, e tantas vezes, coexistindo e rivalizando-se mutuamente.

O Campeonato Maranhense passou a ser realizado pela Liga Maranhense de Sports em 1918 e teve como campeão o Luso, que também foi campeão em 1919, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926 e 1927. O Campeonato de 1920 foi vencido pelo FAC, o de 1921, pelo Fênix FC, o de 1928, pelo Vasco da Gama, e o de 1930, pelo Sírio Brasileiro. O de 1929, no auge de uma grande confusão, não teve fim nem campeão. Depois de uma dissensão dentro da Liga, em 1926, uma dissidência fundou a AMEA que, em pouco tempo, tomou o lugar de representante oficial do futebol maranhense junto à CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

Vicissitudes à vista, também narradas no livro (CARVALHO, 2009, pp. 154-182), chegamos ao ano de 1927 com a AMEA, instituição oficial, mandatária do futebol local, praticamente dividida ao meio, com duas facções, uma liderada por Tarquínio Lopes Filho, e a outra, por Waldemar de Britto. O problema foi tão grave que a CBD teve que desfiliar a entidade maranhense do seu quadro, vexame e constrangimento enormes, que ajudaram a emperrar o futebol maranhense naquela época, não permitindo ao Estado participar com um pouco mais de eficiência de torneios como o Campeonato Brasileiro de seleções estaduais.

O SC Luso Brasileiro encerrou sua vida futebolística em 1929, em meio à grande crise do futebol maranhense, a mando do seu presidente Tarquínio Lopes Filho. Seu desaparecimento, pois era o maior e mais vitorioso clube maranhense, foi sobremodo sentido e lamentado, até mesmo pelos inimigos de Tarquínio Lopes Filho. Foi, na verdade, um desfecho que ninguém esperava.

Com tudo isso, desde o ano de 1916, o futebol ganhou destaque aqui e em outros estados. Muitos clubes de estados como: Pará, Piauí, Pernambuco, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro e Amazonas, vieram para São Luís realizar jogos contra times desta cidade. O primeiro clube de fora a vir a São Luís foi o Club do Remo, de Belém, em 1916, para jogos com os quadros internos do FAC. Outros clubes de destaque que aqui vieram foram: Paysandu e Yole Club (PA), Internacional e Parnahyba (PI), Sport Recife e América (PE), Ceará e Maguary (CE), Botafogo (RJ) e Independência (AM), dentre outros, alguns dos quais vieram mais de uma vez.

Alguns times daqui também se aventuraram a conhecer outras cidades, neste e em outros estados, colhendo bons resultados, a exemplo da excursão do Luso a Parnaíba – PI, em 1923, do Guarani a Fortaleza - CE (1924) e do América a Manaus - AM (1928). Destaque-se

também o importante papel do time do 24.º Batalhão de Caçadores (Exército), que tinha em seu quadro atletas civis, emprestados de outras equipes, que venceu várias competições regionais nos anos 20, e que sempre era requisitado em jogos locais.

Concluo afirmando que, mais do que ter desenterrado notícia de clubes, como: FAC, Onze Maranhense, Luso, Barroso, Santiago, Santa Cruz, América, Vasco da Gama, Fênix, Bangu, Sampaio Corrêa, Dublin, etc.; ou de jogadores, como: Dico, Negreiros, Deusdedith Cortez, Clarindo, Lobo, Neófito, Presidente, Kenard Tavares, etc.; ou de cartolas, como: Nhozinho Santos, Antero Novaes, Edgard Figueira, Tarquínio Lopes Filho, Waldemar de Brito, etc.; ou, ainda, de jogos, como os famosos FAC 2 x 0 Luso, de 1920, e Sampaio 1 x 0 Luso, de 1925; o trabalho serviu para mostrar que é importante conhecer, mesmo, um pouco das existências humanas que criaram e viveram intensamente aquele momento, legando um passado cheio de fatos interessantes e ideias para serem pensadas, uma teia gigantesca de relações humanas, permeada de códigos e símbolos, de nostalgias, de vitórias e sucessos, de famas e glórias, de desordens e confusões, de fracassos e tragédias. Não há como não nos espelharos nessa história [falo como maranhense e torcedor], sentindo uma pontinha de inveja por aquilo que o futebol já foi um dia em terras timbiras [quando não precisávamos torcer para times de fora], e de vergonha, por ver que os erros de agora em nosso futebol maranhense são semelhantes aos de outrora [e nosso futebol passa ao resto do Brasil como inexistente!].

Terra, grama e paralelepípedos, que é um nome sugestivo, relativo aos terrenos em que se praticava o alvissareiro esporte bretão em São Luís, cumpre – penso, humildemente – aquilo para o qual fora projetado, difundindo uma história ainda pouco conhecida e estudada, cujas portas de temas e abordagens se abrem para novos estudos e, claro, para a análise crítica e historiográfica de todos aqueles que lançarem mão de sua leitura, o que, desde já, muito me gratifica.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Trad. Jeni Vaistman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARVALHO, Claunísio Amorim. **Terra, grama e paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906-1930)**. São Luís: Café & Lápis, 2009 (Coleção Café Acadêmico, vol. 1).

DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: **Revista USP**, “Dossiê Futebol”, São Paulo, jun/jul/ago, 1994, pp.10-17.

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. I. Trad. Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, Dejard Ramos. **Esporte: um mergulho no tempo**. São Luís: s/n, 1989.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (Coleção Histórias do Brasil).

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002 (Coleção Zona do Agrião).

SOARES, Antônio Jorge. **História e invenção de tradições no campo de futebol**. Disponível no site <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/261.pdf>> Acesso em 04.out.2007.

VAZ, Lepoldo Gil Dulcio. **O futebol em São Luís (Maranhão – Brasil): 1907-1917**. Disponível em <<http://www.efdesportes.com/efd63/saoluis.htm>> Acesso em 10.set.2007.